

Sermão de Santa Catarina Virgem e Mártir Padre António Vieira

Índice

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

SERMÃO DE SANTA CATARINA VIRGEM E MÁRTIR

Em ocasião que se festejava em Lisboa uma
grande vitória

Ne forte-Math. I.

Breve cláusula para tema; porém grande para sermão! E tão grande e tão forte a significação deste *ne forte*, que com ela se sustentam e são fortes todas as fortalezas; e as que não são fortes nem se defendem, só por falta dela se rendem e são vencidas. E que quer dizer *ne forte*? Quer dizer: para que não por algum engano; para que não por alguma violência; para que não por algum descuido próprio ou diligência e indústria alheia. É o *ne forte* um advérbio, sempre vigilante, mas indeciso; é uma suspensão do que é; é uma dúvida do que será; é um cuidado solícito do que pode ser. É um receio temeroso do futuro, não esquecido do passado, nem divertido do presente; e neste círculo de todos os tempos acautelado para todos. Deriva-se a palavra *ne forte* daquela que o mundo chama Fortuna, e é uma força tão poderosa e tão forte, que desarma a mesma Fortuna de todos os seus poderes; por que a quem sempre estiver cuidadoso do que ela pode fazer ou desfazer, nunca lhe acontecerá que diga—não cuidei—, que é a primeira máxima da prudência.

De prudentes e néscias se compõe toda a história do nosso Evangelho, gloriosa para umas e trágica para outras. As prudentes foram as aventureosas, porque disseram: *Ne forte*: as néscias as sem ventura, porque o não souberam dizer. As prudentes com as alampadas acesas entraram às vodas; as néscias às escuras e com elas apagadas, ficaram de fora. Cuidaram as néscias que se lhes não apagariam as alampadas, cuidaram que seriam socorridas das companheiras, cuidaram que ainda que chegassem tarde, se lhes abririam as portas; e depois de tanto cuidar, acharam que não tinham cuidado; porque não cuidaram quanto, e como convinha, nem souberam dizer a tempo—*ne forte*. Três vezes o disseram as prudentes; na consideração, na prevenção e na resolução. Na consideração, considerando que por falta do sustento natural do óleo se podia apagar o fogo e morrer a luz das alampadas; na prevenção, porque se preveniram de o levar nas redomas, para delas o suprir, quando faltasse; na resolução, porque faltando às companheiras, resolutamente lhe responderam, que não as podiam socorrer, porque podia não bastar para todas: *Ne forte non sufficiat nobis et vobis* (Math. XXV—9).

Oh virgem fortíssima e prudentíssima Catarina, que bem retratada vos vejo nas cinco prudentes do Evangelho, como Juno pelo pincel de Zeús nas cinco escolhidas de Argentina! Ofereceu o imperador Maximino a Catarina tudo o que podia dar neste Mundo a Fortuna, que eram as vodas e coroa imperial; mas porque a virgem prudentíssima, ainda com prudência humana, considerou nesta grande oferta, não o que era, senão o que podia ser, desprezou a coroa da Terra sujeita à roda da Fortuna, e seguiu a que hoje goza no Céu, que a mesma Fortuna nem pode dar, nem tirar: *Ne forte*. Este será o argumento do meu discurso, tão próprio do tempo presente, como das graças que devemos a Deus pelas fortunas do mesmo tempo. Mas como para acertar a dar estas graças é necessário que o mesmo Deus nos assista com a sua, peçamo-la primeiro, por intercessão da cheia de graça. *Ave Maria*.

II.

Todos os títulos que nos obrigam a dar graças a Deus pelos triunfos do tempo presente, me parece que estou vendo copiados e divididos nas gloriosas insígnias daquela sagrada imagem. Está adornada a imagem de Santa Catarina com os três instrumentos ou troféus da sua vitória —uma palma, uma espada, uma roda. Os oradores evangélicos, que, entre salvas, repiques e luminárias celebraram ategora a felicidade de nossas armas na campanha deste ano, uns tomaram por assunto a palma, outros a espada: na palma, fazendo panegíricos à vitória; na espada, ao valor dos capitães e soldados. E porque nenhum ategora falou na roda, ela será o meu assunto. As palmas, que têm as raízes na Terra, todas se podem secar, ou murchar; só são perpetuamente verdes aquelas que viu S. João no seu Apocalipse: *Et palma in manibus eorum* (Apoc. VII—9). As espadas também têm os seus reveses na Terra, ainda que sejam descidas do Céu. Do Céu trouxe a alma do profeta Jeremias a espada que meteu na mão a Judas Macabeu; mas depois de tantas vitórias, enfim, pode dizer com Davide aquele valorosíssimo capitão: *Gladius meus non salvabit me* (Psalm. XLIII —7); porque na trágica batalha contra Báquides e Alcimo não defendeu ao grande Macabeu a sua espada, e com ela na mão caiu morto. Tudo isto são avisos às palmas, rebates às espadas e desenganos a todo o vencedor, que no meio dos maiores triunfos podem temer a roda. Esta roda, pois, como prometi, será o meu argumento, o qual sobre os eixos dela se revolverá em dois discursos, quanto for possível, breves.

III.

Ne forte. Variamente pintaram os antigos a que eles chamaram Fortuna. Uns lhe puseram na mão o Mundo, outros uma cornucópia, outros um leme; uns a formaram de ouro, outros de vidro e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com asas nos pés e os pés sobre uma roda. Em muitas coisas erraram, como gentios; em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de Fortuna, que significa caso, ou fado; erraram na cegueira dos olhos; erraram nas insígnias e poderes das mãos; porque o governo do Mundo, significado no leme e a distribuição de todas as coisas, significada na cornucópia, pertence somente à Providencia Divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicácia de sua sabedoria e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos, o que para os fins da mesma Providência com altíssimo conselho tem ordenado e disposto. Acertaram, porém, os mesmos gentios na figura que lhe deram de mulher, pela inconstância; nas asas dos pés, pela velocidade com que se muda; e sobretudo em lhos porem sobre uma roda; porque nem no próspero, nem no adverso, e muito menos no próspero, teve jamais firmeza. Dos que a fizeram de ouro diremos depois; o que agora somente me parece dizer, é que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstância da roda.

Em uma das fábricas particulares e famosas do Templo, diz o texto sagrado, que fez Salomão dez bases de bronze, quadradas e iguais por todas as partes: *Fecit*

decem bases aneas, quatuor cubitorum longitudinis, bases singulas et quatuor cubitorum latitudinis (3. Reg. VII-27). Diz mais (o que se o não dissera, não se imaginara) que estas dez bases se assentara cada uma sobre quatro rodas: *Et quatuor rota per bases singulas* (Ibid.—30): acrescentando para maior clareza, que as rodas eram propriamente como as das carroças, com seus eixos, raios e tudo o mais fundido também no mesmo bronze: *Tales autem rotæ erant quales solent in curru fieri; et axes earum, et radii, et canthi, et modioli, omniu fusilia* (Ibid. —33). Toda esta miudeza foi necessário que se explicasse, para que se entendesse a obra, da qual se não fora o autor Salomão, quem haveria que ao menos não estranhasse tal modo de arquitetura? As bases são o fundamento e firmeza de toda a fábrica; a figura quadrada, entre todas as figuras a mais firme; o bronze, entre todos os metais o mais forte. Pelo contrário, as rodas com eixos, e todos os outros instrumentos de se moverem, são entre todas as cousas a menos constante, a menos estável, a menos firme. Pois porque assenta a sabedoria de Salomão toda a firmeza e fortaleza das suas bases sobre rodas? Assentadas as bases sobre rodas, ficam sendo as rodas bases das bases; e isto, que não faria, não digo eu Vitruvius, (1) senão o arquiteto mais imperito, que o fizesse Salomão?!—Sim, e com tanta arte como mistério. Aquela obra era o chamado mar Éneo (2), fabricado antes de espelhos, e para espelho dos que nele se fossem ver e compor. Quis pois o mais sábio de todos os homens, que na mesma traça, disposição e ordem da fábrica, vissem e reconhecessem todos, que não há não pode haver neste Mundo coisa alguma tão sólida, tão forte, tão firme, nem ainda tão santa (qual aquela era), que, como se estivera fundada sobre rodas, não esteja sempre sujeita às voltas, declinações e mudanças de qualquer impulso, impressão ou movimento contrário. Tudo o que se diz da Fortuna, e seus poderes, é fingido e falso; só uma coisa há nela certa e verdadeira, que é a roda.

E para que nos vamos chegando ao nosso caso, deixados os vidros e bronzes, que são nomes metafóricos, falemos agora com o próprio do homem, e de todas as coisas humanas, que é o barro. Mandou Deus Nosso Senhor ao profeta Jeremias, que fosse à oficina de um oleiro, e que depois de ver o que aquele homem fazia, lhe declararia o por que lá o mandava. Foi o profeta, e diz que achou o oleiro trabalhando sobre a sua roda: *Et ecce ipse faciebat opus super rotam* (Jerom. XVIII—3). E notando então com particular advertência o que fazia, viu que ao princípio estava formando um vaso muito polido, o qual, como se lhe descompusesse e desmanchasse entre as mãos, desfê-lo, e, como irado contra ele, tornou a amassar e pôr na roda o mesmo barro, e fez outro vaso muito diferente, como lhe veio à fantasia. Aqui falou então Deus ao profeta, e lhe disse desta maneira:—Assim como o oleiro tem nas suas mãos o barro, e dele faz uns vasos e desfaz outros; assim tenho eu nas minhas mãos o Mundo, e posso desfazer uns reinos e fazer outros ao meu arbítrio. E se ele com a ponta de um pé dá estas voltas a sua roda, julga tu, se o poderei fazer eu. Vai a Jerusalém, conta-lhe o que viste e dize-lhe que o primeiro vaso tão polido que o oleiro fazia, é o reino de Israel, tão amado e favorecido da minha providência, o qual com a sua rebeldia se me descompõe entre as mãos; e que ainda estou aparelhado para lhe perdoar e arrepender do que tenho determinado; mas que se ele se não

quiser emendar, darei volta à roda, e do mesmo barro farei outro vaso. Jerusalém passará para Babilônia, e o reino, que aqui é de El-Rei Joaquim com liberdade, lá será de Nabucodonosor com perpétuo cativo. E assim foi.

Oh que facilmente se engana o juízo humano nas apreensões de qualquer sucesso próspero? Por isso disse sábia e prudentíssimamente o grande senador romano, Severino Boécio, que melhor e mais útil é ao homem a fortuna adversa, que a próspera: *Plus reor hominibus adversam, quam prosperam prodesse fortunam (I)*. E dá a razão; porque a próspera mente e a adversa desengana: *Illa enim semper specie felicitatis, cum videtur blanda, mentitur; hæc semper vera est, cum se instabilem mutatione demonstrat. Illa fallit, hæc instruit*. Quem se não quiser enganar com as lisonjas da Fortuna próspera, olhe para a roda. Nela, e do mesmo barro faz Deus reinos e desfaz reinos; desfaz Jerusaléns e acrescenta Babilônias; cativa os livres e restitui a liberdade aos cativos. Assim o fez a benignidade divina, dando outra volta à roda, e restituindo os cativos de Babilônia a liberdade, de que poucos já se lembravam, no fim de setenta anos: caso bem parecido ao nosso.

IV.

Lá, depois de setenta anos; cá, depois de sessenta, uns e outros profetizados: mas nem por isso cuide alguém, que para todas estas voltas da roda são necessários tantos espaços ou tantos vagares do tempo. As rodas do carro de Ezequiel, em que Deus se lhe mostrou governando todo este Mundo, eram cada uma composta de duas, uma roda atravessada e outra cruzada com ela pelo meio. Isso quer dizer: *Rota in medio rotæ* (Ezeq. X—10). E que rodas eram e são estas?—Uma é a roda da Fortuna, outra a roda do Tempo. Mas de tal maneira unidas e travadas entre si, e tão independentes uma do curso da outra, que para a roda do Fortuna dar uma volta inteira, não é necessário que a de também inteira o Tempo. As voltas da roda do Tempo são as mesmas que as do Sol. O Sol dá uma volta maior cada ano, e uma maior cada dia. Porém, para a Fortuna dar uma volta inteira aos maiores impérios não são necessários anos nem dias.

O maior império e monarquia que tinha havido no Mundo, era a dos assírios e caldeus. E quantas horas houve mister a roda da Fortuna para derribar esta e levantar sobre ela outra maior? Diga-o a Escritura Sagrada por boca de Daniel, que se achou presente: *Eadem nocte intrfectus est Baltassar rex chaldæus, et Darius Medus successit in regnum* (Dan. V—3^o e 3^l): Na mesma noite fatal em que o rei com mil magnates da sua monarquia, convidados para um solene banquete, estavam brindando aos seus deuses, foi morto—diz Daniel—Baltazar, rei caldeu, e lhe sucedeu no império Dario medo. De sorte que tanto mais depressa deu volta a roda da Fortuna que a roda do Tempo, que, não tendo o Tempo em ausência do Sol andado um dia natural, nem meio dia, a Fortuna, morto Baltazar e sucedendo-lhe na coroa Dario, já tinha posto por terra a monarquia dos assírios e caldeus, e levantado até as nuvens a dos persas e medos.

Caiu a monarquia, mas não caiu a corte; porque ficaram em pé os famosos muros de Babilônia, com os seus jardins cultivados no ar, por isso chamados hortos pensiles; onde, porém, até as flores não escaparam de ficar tristemente murchas e secas, servindo a mãos estranhas, que as não tinham regado. E para que alguém não imagine da roda da Fortuna, que, não perdoando às coroas, ao menos dá quartel às pedras; passando do maior império da Ásia à melhor cidade da Europa, ouçamos em outra coisa não menos trágica, quão precipitada é a sua volta também em estas ruínas.

Fala Sêneca da antiga Lugduno (l), que anoitecendo cidade, amanheceu cinza, e escreve assim: *Tot pulcherrima opera, quæ singula illustrare urbes singulas possent, una nox stravit. Et in tanta pace, quantum ne bello quidem timeri potest, accidit. Quis credat? Lugdunum, quod ostendebatur in Gallia, quæritur. Omnibus fortuna, quos publice affixit, quod passuri erant, timere permisit. Nulla res magna non aliquod habuit ruinæ suæ spatium. In hac una nox interfuit inter urbem maximum, et nullam. Denique diutius illam periisse, quam periiit, narro* (Sê nec. Epist.). É lástima haver de afrontar com a tradução de qualquer outra língua a elegância destas palavras. "Aqueles famosos edifícios—diz Sêneca—que cada um deles pudera enobrecer e ilustrar uma cidade, todos igualou com a terra uma noite; e aconteceu na bela paz, o que nem da mais furiosa guerra se pudera temer. Quem tal crera? Aquela Lugduno, que se mostrava por maravilha na Gália, busca-se nela, e não se acha. A todos os que a Fortuna afligiu publicamente, permitiu que temessem o que haviam de padecer, e a nenhum coisa grande deixou de dar o tempo algum espaço à sua própria ruína. Só nesta, entre a cidade máxima e o nada, não houve mais que uma noite. Ainda acabou mais depressa do que eu o escrevo". Atequi a narração e ponderação do grande filósofo. E como para as maiores voltas e mudanças da roda da Fortuna não são necessários anos, nem dias inteiros, e da ametade de um dia sobejam ainda horas e essas as mais ocultas à vista; que segurança pode haver tão confiada, que entre os abraços mais lisonjeiros da felicidade não tema os seus reveses? E que reino ou república, que rei ou capitão prudente, que entre os maiores triunfos lhe não esteja sempre batendo às portas do coração aquela voz duvidosa: *Ne forte?*

V.

Não é minha tenção com este discurso querer que a muito nobre cidade de Lisboa entristeça a sua alegria, nem ponha silêncio aos seus aplausos; porque seria ser ingrata ao Céu e negar os públicos pregões da fama aos que com o seu esforço e sangue tão honradamente lhos mereceram. O que só desejo é que toda esta Monarquia de Portugal se não deixe tanto inchar do vento da Fortuna que se fie dela e a creia. Ouvi debaixo de um paradoxo o mais sisudo juízo da prudência militar. Como na guerra não há coisa mais para estimar que o vencer, assim não há outra mais para temer que a mesma vitória. Quando o sábio capitão se vir mais vitorioso e triunfante na carroça de Marte e da Fortuna, então é que mais se deve temer da volta das suas rodas.

Vencedor Abraão de quatro reis, que tinham vencido outros cinco, e levado cativo com parte deles a Lote seu sobrinho, fizeram mais famosa esta interpresa três circunstâncias notáveis: uma da parte dos reis vencidos, outra da parte de Abraão vencedor, e a terceira da parte de Deus, que neste acontecimento lhe apareceu e falou. Notável da parte dos reis vencidos; porque naquela mesma noite em que contentes e divertidos estavam brindando a sua vitória, deu sobre eles Abraão, com que a não chegaram a lograr quatro horas inteiras, bastando tão pouco espaço de tempo para dar volta a roda, e de vitoriosos e triunfantes se verem vencidos. Notável da parte de Abraão vencedor; porque, voltando triunfante com parabéns e aplausos de Melquisedeque, rei de Salem, nenhuma demonstração fez de festejar o seu próprio triunfo. Não havia então salvas de artilharia, nem repiques, nem luminárias, mas conforme o uso daquele tempo, pudera levantar troféus, que eram árvores, desgalhados os ramos, e penduradas deles as armas e despojos dos inimigos que Abraão desprezou generosamente. Notável enfim da parte de Deus; porque naquela mesma ocasião lhe apareceu o Senhor dos exércitos e lhe disse estas notáveis palavras: *Noli timere, Abraham, ego protector tuus* (Gen. XV —I); ou, como se lê no texto original: *Ego scutum tuum*: Não temas, Abraão, que eu sou o teu protetor e o teu escudo. Aqui é o meu reparo, e primeiro que tudo, naquele *noli timere*: Não temas. Não é este Abraão aquele mesmo, que pouco há tão animoso e destemido, com resolução quase temerária se atreveu a acometer quatro reis vitoriosos e triunfantes só com trezentos e dezoito homens de sua casa? Não é aquele mesmo que com tanta arte, disposição e ordem militar soube repartir os seus, e de tal modo, e a tal tempo investiu os inimigos que, sem lugar de se defenderem, os pôs a todos em fugida? Pois se antes não temeu a batalha, sendo tão arriscada; como agora teme, depois de a vencer, e tão venturosamente? Dantes podia temer os inimigos por muitos e vitoriosos; mas agora, depois de destratados e vencidos, a quem teme, ou de quem se teme?—Teme-se da sua própria vitória. Por isso Deus que, para vencer a batalha, lhe não deu a espada, para conservar e defender a vitória lhe promete o escudo: *Ego scutum tuum*.

Vede quanta razão e quantas razões tinha Abraão para temer e se temer da sua vitória: *Noli timere*. Considerava Abraão que ele era um, e os reis que vencera quatro: e na comparação de um a muitos, que coração haverá tão agigantado, que com os pés na campanha não tema? O gigante Golias coberto de ferro, e maior na sua soberba que na sua estatura, nunca se atreveu em quarenta dias a desafiar mais que a um: *Ad singulare certamen* (I Reg. XVII-10). De Hércules, cujas forças e façanhas é mais certo que foram fabulosas do que verdadeiras, é contudo verdadeiro o provérbio que: *Nec Hercules contra duos*. E posto que as de Judas Macabeu, canonizadas na Escritura Sagrada, não admitem dúvida, também a não há, de que na última batalha, que teve quase vencida, acabou sem remédio, nem resistência, não vencido no valor, mas oprimido da multidão. Considerava mais Abraão que o poder menor, competindo com o grandemente maior, ainda quando vence sempre fica desigual: e é tal a diferença nesta desproporção defensiva, que o maior, ainda perdendo muitas batalhas, facilmente se conserva na sua mesma grandeza; e o menor, tendo necessidade de muitas vitórias para se conservar, bastará perder só uma para se perder.

Finalmente, temia Abraão a sua vitória; porque não olhava para ela só, senão juntamente para a dos mesmos inimigos, a quem vencera. E se eles—dizia consigo—não lograram a sua vitória quatro horas inteiras; que segurança posso eu ter de me sustentar sempre na minha? Porventura pregou ela algum cravo na roda da Fortuna, para que não dê aquelas voltas que continuamente está dando o Mundo, sem jamais parar?

Oh como pudera o mesmo Abraão confirmar este seu temor depois da vitória dos quatro reis, com o exemplo de outros quatro do Egito, onde já no tempo de Abraão se começavam a coroar os homens! Sesóstris, rei do Egito, depois de vencer outros quatro reis vizinhos, se desvaneceu a tanta soberba, que em lugar de outros tantos cavalos, mandou que os quatro reis vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fez. Em um dia, porém, de grande celebridade, advertiu que um dos reis vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que o rosto e os olhos sempre os levava voltados, e postos no rodar da mesma carroça. E como Sesóstris lhe perguntasse com que pensamento o fazia, respondeu:—*Intueor volumen hoc assiduam rotæ in qua vicissim ima summa, et summa ima fiunt*: Levo sempre postos os olhos nesta roda; porque vejo nela, que assim como esta parte que agora está em baixo, esteve já em cima, assim a que está em cima, com meia volta só, torna a estar em baixo. Entendeu o mistério o rei vitorioso e soberbo, e mandou logo tirar do jugo aos vencidos. As vitórias próprias, sem os olhos na roda, ensoberbecem; com os olhos nela, humilham. Com os olhos na roda, aos vencidos causaram esperança, e aos vencedores temor. Por isso Abraão temia a sua vitória, e todos os grandes capitães temeram sempre as suas.

Ouvi isto mesmo admiravelmente discursado por Sêneca, o poeta, e com a mesma propriedade representado por El-Rei Agaménon, rei e general do exército grego, depois de abrasada Tróia: *Stat avidus ira victor, et lentum Ilium metitur oculis*: Olhava para Tróia vencida o vencedor Agaménon; e porque a não podia ver toda de uma vez, lentamente e pouco a pouco ia medindo com os olhos sua grandeza. A primeira coisa que deve fazer o prudente vencedor, é tomar bem as medidas ao país vencido: *Et lentum Ilium metitur oculis*. E que se Porque os grandes que têm o mando das cidades *etamque quamvis videat, haud credit sibi potuisse vinci*: e ainda que Agaménon estava vendo vencida a Tróia, não acabava de crer, nem de se persuadir a si mesmo, que ele a tivesse vencido. Não se podia louvar mais nem encarecer melhor a grandeza da vitória. Na opinião invencível, aos olhos vencida. E passando da terra à coroa, da metrópole ao rei, e de Tróia a Príamo, a conclusão do juízo de Agaménon foi esta: *Tu me superbum, Priame, tu timidum facis*: Tu, ó Príamo, me fazes soberbo e tu me fazes tímido. Quando vejo que venci um tão grande rei como Príamo, monarca e senhor de toda a Ásia, vêm-me pensamentos de soberba: *Tu me superbum, Priame*. Mas quando no mesmo Príamo me vejo a mim, como em espelho, e quando considero e reconheço que, assim como eu o venci a ele, outro me pode vencer a mim; e dando volta a Fortuna, como hoje me vejo vencedor, amanhã me posso ver vencido, todos os ardores da soberba se me convertem em frios de temor: *Tu me superbum, tu timidum facis*.

Este foi o juízo de Abraão em temer a sua vitória: e este o de Agaménon em temer a sua: e o meu no nosso caso qual será?—Porque não me persuado a temer nem quero persuadir temores, e por outra parte quisera prometer segurança às nossas vitórias, sujeitas todas aos reveses da roda da Fortuna; só no escudo que Deus prometeu a Abraão, que é círculo permanente, as acho. Escreve Plínio, que em Roma no pórtico de Pompeu se via com admiração a pintura de um soldado sem mais armas que um escudo, obra de Pelignoto, famoso naquela arte, e o que nela se admirava era estar pintado o soldado em tal ação no meio de uma escada, que ninguém podia divisar se subia, ou descia: *Hujus (Pelignoti) est tabula in porticus Pompei, in qua dubitatur ascendentem cum clypeo pinxerit, an descendentem*. Toda a escada, senhores meus, ainda que em diferente figura, é também roda; porque pelos mesmos degraus se pode subir ou descer. No meio desta escada vejo aos nossos soldados armados também de escudo à defensiva, qual é a nossa guerra; e pôsto que na presente vitória parece que estão em ação de subir, como igualmente é sem questão que podem descer, nesta dúvida ou contingência não lhes posso afirmar coisa certa. É verdade que estou vendo muitos arcos triunfais levantados; mas estes, ainda que não tiveram as bases na terra, não podem segurar firmeza ao que significam. Nas íris ou arcos celestes, não só observaram os matemáticos, mas experimentam os rústicos, que quando o Sol sobe, os arcos descem, e quando o Sol desce, os arcos sobem. E se nas voltas que dá o Sol ao Mundo, se vê esta diferença naqueles espelhos; se quando os arcos se abatem, é sinal que sobe o Sol ao Zénite, e quando os arcos crescem e se levantam, é sinal que o mesmo príncipe dos planetas desce ao ocaso; que juízo se pode formar do aparente destes triunfais meteoros, para segurar o aumento das monarquias ou sua declinação? A que hoje parece que sobe, amanhã pode descer, e a que hoje desce, amanhã pode subir; e só no escudo, que abraça o braço de Deus (e é círculo, como dizia, permanente), se pode segurar o prudente temor, para que não diga: *Ne forte*.

VI.

Temos satisfeito neste primeiro discurso ao Evangelho, ao tema, ao tempo e caso presente, e ao *ne forte* das virgens prudentes. Agora vejamos como a virgem prudentíssima que nos deu a roda, com o exemplo e sucessos gloriosos das suas vitórias nos ensina o que devemos desprezar, temer ou assegurar em todas as voltas, que à da Fortuna e à do próprio alvedrio pode dar o Mundo.

Primeiramente, assim como é prudência nas coisas duvidosas e contingentes dizer—*Ne forte*; assim nas certas, e que não podem ter dúvida, dizer—*Ne forte*, é a maior imprudência. A mais imprudente mulher (também virgem) que houve no Mundo, foi a destruidora dele—Eva. E porque?—Porque sobre a verdade mais certa e a certeza mais infalível, da qual se não podia duvidar, disse: *Ne forte*. Tinha Deus notificado a Adão, e nele a Eva, que no dia em que comessem da árvore vedada ficariam sujeitos à morte. E sendo as palavras expressas do preceito—*In quocum die comederis ex eo, morte morieris*, Eva respondendo à pergunta do demônio, e referindo o mesmo preceito, acrescentou-lhe um *ne forte*: *præcepit nobis Deus, ne comederemus et ne tangeremus illud, ne forte*

moriatur. E que se seguiu deste *ne forte* da virgem néscia do Paraíso?— Seguiu-se o erro que emendou o *ne forte* das virgens prudentes do Evangelho. O *ne forte* da néscia pôs dúvida onde não podia haver dúvida; o *ne forte* das prudentes não admitiu dúvida, onde podia haver muitas.

Podiam duvidar, sendo companheiras, como eram, se seria contra as leis da verdadeira e fiel companhia não ser comum de todas, o que era particular de algumas. Podiam duvidar, sendo amigas, se era obrigação em tal aperto oferecerem-lhe elas o óleo, ainda que o não pedissem, quanto mais não lhe negar, tendo-o pedido. Podiam duvidar se nas circunstâncias de um caso tão preciso, era lícito descomporem o acompanhamento e desfazerem o aparato das vodas, para o qual foram escolhidas em tal número, e para tantas parelhas. Podiam duvidar se sentiriam, como era razão, o desar daquela falta o esposo e esposa, que eram os senhores a quem serviam, e de cujo agrado e favor dependia o seu bem e toda a sua esperança. Podiam duvidar, enfim, se era contra o primor, contra a cortesia, contra a nobreza, contra o crédito e reputação e contra todos os outros respeitos e pontos de honra, que tão escrupulosamente observam nas ações públicas os que as fazem nos olhos do mundo, e sujeitas aos seus juízos. Pois se em dar ou não aquele socorro havia tantas duvidas, como se resolveram as prudentes a o negar, principalmente sendo muito pouco o que haviam de despender, sabendo que o Esposo já vinha: *Ecce sponsus venit?* (Math. XXV—6) .

A razão deste tão bem fundado reparo, é muito mal praticada nas cortes, e por isso necessário que a nossa, com quem falo, a ouça. O que importava à prevenção das virgens prudentes e o que dependia de ela bastar ou não bastar para todas, não era menos infalivelmente que o entrar às vodas ou não entrar; o ganhar o Céu ou perde-lo; o salvar ou não salvar: e em matéria de salvação não se há de admitir dúvida, nem contingência, por menor ou mínima que seja. Todos os pontos do primor, do crédito, da reputação e honra humana, em chegando a este ponto, são nada. Todas as obrigações e finezas da amizade e do amor, ainda que seja o que mais cega, que é dos pais para com os filhos, a qualquer sombra deste perigo se devem converter em ódio; este só respeito há de vencer todos os respeitos, esta só dependência todas as dependências, este só interesse todos os interesses. Cuide o Mundo, murmure a vaidade, diga a fama o que quiser; arrisque-se enfim tudo o que se pode arriscar, perca-se tudo o que se pode perder, contanto que se não arrisque ou ponha em dúvida a salvação.

Tão sisudo e tão forte como isto foi o *ne forte* das virgens prudentes. Mas por isso mesmo não só parece desumano, senão contrário a toda a razão e proximidade. Se tanto reparo e tanto escrupulo fazeis neste ponto, por ser da salvação, porque não reparais na de vossas companheiras? Não vedes que, seguindo o vosso conselho, vão arriscadas a se lhes fecharem as portas do Céu, e o perderem e se perderem para sempre? Assim o viam como sábias e o sentiam como amigas. Mas esta é a obrigação precisa e indispensável, e este o privilégio soberaníssimo da salvação própria. Se a dúvida ou risco da minha

salvação em qualquer caso se encontra com a alheia, seja a alheia de quem for e de quantos for; sou obrigado a tratar tão unicamente da minha salvação, que me salve eu, ainda que se perca todo o Mundo. Não é menos divino este tremendo documento, que da boca da mesma verdade *Qui prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæi detrimentum patiatur?* (Ibid. XVI—26). Que Ihe aproveita a um homem— diz o Salvador dos homens—salvar ele, ou que por seu meio se salvem, todas as almas do Mundo, se ele perder a sua? Aqui não há senão dar um ponto na boca. E este foi o fecho com que as prudentes acabaram de concluir, não a desculpa, senão a obrigação que tiveram de não acudir à salvação das companheiras, pois era com dúvida e risco, da própria. *Ne forte non sufficiat nobis et vobis* (Ibid. XXV-9). **VII.**

Em confirmação desta notável verdade, que é bem sabem todos, para que nos fiemos das diligencias próprias, e não de dependências alheias, seguiu-se o alegre e triste fim da história do Evangelho. As prudentes entraram às vodas, as portas do Céu tornaram a se fechar, e posto que as néscias vieram e bateram, ficaram de fora. Cuidava eu que as virgens prudentes, vendo-se já dentro do Céu, sem dúvida não perigo da salvação própria, ao menos se lembrassem de interceder pelas companheiras; mas este foi o segundo e novo desengano, para que cada um se fie de si. Lá vão chorando as tristes e miseráveis néscias, que nem na terra tiveram remédio, nem no Céu o acharam. E que efeitos causaria esta lastimosa vista no coração, no zelo e no valor de Catarina?—Com assombro dos outros santos, dos anjos e do mesmo Evangelho, resolve-se a fazer abrir outra vez as portas do Céu, já fechadas, e que entrem também as néscias.

Já vejo que reparam os doutos na proposição; mas notem o sólido fundamento dela. As néscias do Evangelho são aquelas, cujas lâmpadas se apagaram por falta de óleo, e por esta falta não entraram as vodas. E estas néscias, que semente o são em parábola e semelhança, em realidade e verdade significam aquelas almas a quem falta o lume da fé e o óleo da caridade, sem o qual, ainda que haja fé, é fé morta, e o lume da mesma fé apagado, sendo que só com ele ardente, e ela viva, se pode entrar no Céu. Tais eram, e pela maior parte idólatras, os que habitavam a grande cidade de Alexandria, pátria da nossa santa, onde então residia o imperador Maximino, o maior inimigo de Cristo, o mais cruel tirano e perseguidor dos cristãos. Estava ali Catarina cheia de fé entre infieis, estava cheia de sabedoria entre ignorantes, estava cheia de luz entre os cegos, estava cheia de piedade entre tiranos. E que fariam dentro daquele generoso coração, e como rebentando nele todas estas heróicas virtudes e cada uma delas?—A fé o incitava a converter a infidelidade, a sabedoria a ensinar a ignorância, a luz a alumiar a cegueira, a piedade a abrandar e amansar a tirania; e sobre tudo o abrasava a vista da perdição de tantas almas. Se Catarina fora uma das dez virgens, com dúvida e contingência de salvação, diria com as prudentes da parábola: *Ne forte*; mas como depois de o mesmo Cristo Ihe dar o anel de esposo, ela era a esposa, que não podia deixar de entrar às vodas: *Exierunt obviam sponso, et sponsæ* (Ibid. XXV—1); por isso em lugar de dizer: *Ne forte*; (notai muito) em lugar de dizer: *Ne forte*. disse: *Si forte*.

Si forte—disse com novidade inaudita em lugar de *ne forte*, e é bem que reparemos muito na diferença destes dois advérbios, porque em tão pequena mudança de letras têm a significação totalmente contrária. O *ne forte* significa—*para que não*, como já vimos; o *si forte* quer dizer—*se porventura*; o *ne forte* é advérbio seguro e frio; o *si forte* animoso e ardente; o *ne forte* fecha as portas ao temor; o *si forte* abre-as à esperança; o *ne forte* é freio para a cautela; o *si forte* é espora para a ousadia: o *ne forte* diz: Não te arrisques; o *si forte* diz: Aventurate; finalmente o *ne forte* tem por efeito evitar o mal que suspeita; e o *si forte* tem pôr objeto empreender e conseguir o bem a que aspira. Mas este bem não há de ser qualquer bem ordinário e vulgar, senão grande, senão árduo, senão heróico, e que tenha mais graus de dificultoso, que de possível. Para prova do *ne forte*, basta o das virgens do Evangelho, que deixamos tão debatido. Para declaração e exemplo do *si forte*, temos dois famosos no Testamento Velho, e tão medonhos, como atrevidos. Tendo os filisteus com inumerável exército posto em tal aperto os filhos de Israel, que para guarnecerem as vidas, se escondiam pelas covas e grutas dos montes, veio ao pensamento de Jonatas, filho de el-rei Saúl, que se ele rompesse as sentinelas na hora mais secreta do sono, o desacordo do mesmo sono e a escuridade da noite, podia por os inimigos em tal confusão, que, sentindo-se ferir e matar, sem saber por quem, eles mesmos voltassem as armas uns contra os outros e se desbaratassem e fugissem. Assim o imaginou aquele príncipe, assim o executou e assim sucedeu, sendo os autores desta prodigiosa façanha o mesmo Jonatas e o seu pajem de lança somente. Mas com que motivo racional em caso tão dificultoso?—Sem outro motivo ou impulso mais que a ousadia de um animoso *si forte*. Assim o disse o mesmo Jonatas, quando acometeu a empresa, deixando-a toda a Deus e à ventura: *Veni, transeamus, ad stationem incircumcisorum horum, si forte faciat Dominus pro nobis*, (I Reg. XIV—6). O segundo exemplo ainda foi maior, se pode ser; porque não teve parte nele o socorro da noite. Quando Josué repartia as conquistas da Terra de Promissão, pediu-lhe seu antigo companheiro Calebe um sítio chamado o Monte dos Gigantes, em que eles se mantinham inexpugnavelmente fortificados: *Da mi montem istum, in quo Enacim (idest Gigantes) sunt, et urbes magnæ atque munitæ* (Jos. XIV—12). Mas se os homens de ordinária estatura em comparação dos gigantes são pigmeus e os muros que defendiam as suas cidades eram tão agigantados como eles, com que confiança Calebe, que já contava oitenta e cinco anos de idade, se atreve a tão desigual e dificultosa conquista?—Com a mesma confiança e impulsos de um intrépido e valoroso *si forte*: *Si forte sit Dominus mecum et potuero delere eos* (Ibid.).

Tal era o fortíssimo *si forte*, de que estava armada a nossa valorosíssima aventureira para assaltar outro monte mais alto e conquistar outras muralhas mais impenetráveis e abrir as portas do Céu às néscias da sua pátria, tanto mais néscias e ignorantes, que não sabiam chorar, nem ainda conhecer a miserável cegueira que as tinha fora dele então, e para sempre. Sendo tão grande a dificuldade da empresa, ainda a dificultou com outra maior naquela mesma ocasião a tirania do imperador Maximino. Lançou bando que todos os súditos do

seu império, agradecidos as mercês com que os deuses imortais o favoreciam, lhe viessem oferecer sacrifício público, sob pena da vida, e da sua indignação aos que assim o não obedecessem. A indignação do tirano significava os esquisitos tormentos, com que a morte, por si só terrível, se fazia muito mais formidável. E aqui se viu Catarina metida entre dois extremos os mais repugnantes à natureza e ainda à mesma graça. De uma parte o Céu, da outra o Inferno; de uma parte a morte temporal própria, da outra a eterna alheia; de uma parte a perdição, da outra a salvação de tantas almas. Mas naquele sublime espírito não foram necessários muitos discursos para a mais heróica deliberação. A morte—diz Catarina—é certa, a salvação duvidosa; mas a morte é minha, a salvação é dos próximos; aventure-se pois Catarina a conseguir a salvação alheia, e perca embora de contado a vida própria.

Em toda a Escritura Sagrada há só uma deliberação que tenha alguma semelhança com esta. Tinha passado el-rei Assuero um decreto, por indústria e vingança de seu grande privado Amã, para que em certo dia assinalado, nas cento e vinte e sete províncias sujeitas a seu império morressem todos os hebreus que nelas se achavam. Teve esta noticia Ester, que também era hebréia, resolve-se a procurar a salvação do seu povo; porém, querendo falar ao rei, soube que havia outro novo e segundo decreto seu, em que proibia, que nenhum homem, nem mulher pudessem entrar à sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida: *Quod sive vir, sive mulier, non vocatus, interius atrium regis, absque ulla cunctatione interficiatur* (Est. IV—II). Tudo eram traças do mesmo Amã, para que a execução da morte universal dos hebreus se não pudesse revogar. E aqui temos a Ester metida entre as duas pontas de um fatal dilema, por ambas as partes mortal. Se não entra ao rei, executa-se o primeiro decreto e morre o povo; se se atreve a entrar, executa-se o segundo e morre Ester. Que faria pois a generosa heroína, vendo-se expressamente compreendida nas palavras do decreto: *Sive vir, sive mulier?*—Execute-se embora—diz—a morte em mim, com tanto que nesse mesmo risco me aventure eu a conseguir a salvação do meu povo. Isto disse a famosa resolução de Ester, e nisto parece que se igualou o seu *si forte* com o *si forte* de Catarina. Mas não consinto eu tal igualdade; nem foi assim. Porque?—Porque no mesmo decreto se acrescentava esta condição: *Nisi forte rex auream virgam ad eum tetenderit pro signo clementiæ* (Ibid.): Exceto somente o caso em que o rei estenda o cetro de ouro sobre quem entrar, em sinal de clemência. De sorte que o *si forte* de Ester tinha por si o *ne forte* de Assuero; porém, o de Catarina era *si forte* sem *ne forte*. Aquele tinha por si a condicional do rei, este tinha contra si a condição do tirano; aquele tinha por si a clemência, este a crueldade inexorável; aquele o cetro de ouro, este não o cetro, senão a espada. não o ouro, senão o ferro, tantas vezes tinto no sangue cristão e insaciável dele. Em suma, que o bando era absoluto e sem exceção; a morte certa e sem dúvida os tormentos esquisitos e iguais à sevícia e crueldade do tirano; e a tudo isto se ofereceu uma donzela, que ainda não tinha idade para se chamar mulher, com a esperança incerta, duvidosa e somente possível, da salvação alheia à ventura e contingência de se poder ou não poder conseguir seguir: *Si forte*.

VIII.

Mas porque é mais fácil o desejar que o fazer, e menos difícil o resolver que o executar; passemos do pensamento às mãos, e vejamos como a nossa conquistadora do Céu e das almas entra e se empenha bizarra nas suas aventuras. O primeiro tiro que fez, foi a cabeça. Presenta-se ao imperador, armada da sua eloquência e acompanhada só de si mesma. Estranha-lhe a publicidade do bando, o terror das ameaças, o sacrilégio das sacrificios, a falsidade dos deuses com nome de imortais, sendo paus e pedras: e sobre este exórdio passou à doutrina da verdadeira fé Pisma Maximino de tal audácia e atrevimento na fraqueza daquele sexo e idade, e cumprindo-se no ímpio idólatra a discreta maldição de Davide, que sejam semelhantes aos ídolos os que os adoram: *Similes illis fiant qui faciunt ea* (Psal. CXIII—8), ele ficou mais ídolo que idólatra. Os ídolos têm olhos, e não vêem—ele ficou cego; os ídolos tem ouvidos, e não ouvem—ele ficou surdo, os ídolos tem língua, e não falam—ele ficou mudo, cego à luz, surdo à voz, mudo à força da razão, a que não podia resistir, nem queria ceder.

Não há cabeças mais duras de penetrar e converter que as coroadas; e se o rei ou tirano, por dentro é mau e vicioso, e por fora hipócrita e devoto, estas aparências de religião, com que se justificam, os endurecem e obstinam mais. Tais não de ser as artes do Anti-Cristo na falsa introdução da sua divindade; e tais eram em Maximino, sem artifício, o zelo e veneração da que cria nos seus deuses e negava e blasfemava em Cristo. Com tão pouca esperança de vencer, começou a primeira aventura de Catarina, o que ela não estranhou, porque na empresa do seu heróico *si forte*, sempre levou os olhos postos nas duas faces da contingência, uma alegre, outra adversa; uma vencedora, outra não. Contudo, depois que o imperador falou e ouviu, se não alcançou dele a inteira vitória, conseguiu parte dela. E qual foi, porque nem o mesmo imperador o entendeu?—Foi que se o não fez católico da nossa fé, fe-lo herege da sua. Alcançou dele modesta e sabiamente a santa, que entre ela e seus filósofos se disputasse publicamente a questão da verdadeira ou falsa divindade dos deuses. E aqui fraquejou a astúcia do imperador e se viu a sutileza de Catarina; porque o que se põe em questão e disputa, igualmente se põe em dúvida; e quem duvida da sua fé, qualquer que seja, já é herege dela.

Apareceram enfim os filósofos em uma sala, que era o teatro da famosa disputa, não menos em número que cinqüenta, e tão vários cada um nos trajos e no mesmo aspecto, como nas seitas. Não se viam ali armas, posto que todas as universidades tinham destinado àquela campanha os seus Aquiles. Afrontaram-se eles de haver de contender em letras com uma mulher, não desmaiando porém ela de vencer a tantos homens de tanta fama e tanta presunção, que todos se estimavam banhados na lagoa Estígia. Assim tinha cada um por invulnerável a sua seita e inexpugnável as outras. Para abreviar pois o conflito, e não ter suspensa a expectação dos circunstantes, todos se comprometeram na sabedoria de um, o mais velho e venerável, de mais celebrada opinião. Falou este, e com igual arrogância e eloquência ostentou por largo espaço quanto sabia. Mas Catarina, sem desprezar a pompa das palavras, nem temer o estrondo dos argumentos, com modestas e vivas razões desfez e desbaratou

tudo com tal evidência, que o filósofo compromissário do duelo, atônito e pasmado, se rendeu e convencido se lançou a seus pés. Os demais, já convencidos nele, com o mesmo assombro do que ouviram e ignoravam, não só reconheceram inteiramente a verdade, mas, não podendo reprimir com o silêncio os impulsos dela, sem pejo do imperador presente e de toda Alexandria, e com afronta de todas as escolas da Grécia, confessaram publicamente a falsidade dos deuses e a única divindade do Crucificado Jesus Cristo.

Esta publica confissão foi o maior triunfo da vitória de Catarina, maior contra Demócritos e Diógenes sem espada, que se fora contra Cipiões armados. As batalhas mais invencíveis são as do entendimento; porque onde as feridas não tiram sangue, nem a fraqueza se vê pela cor nenhum sábio se confessa vencido. Diz S. Pedro que a ciência incha: *Scientia inflat* (I Cor. VIII—I). E não só é difícil, sem graça muito singular, ciência sem inchação, mas sempre a inchação é maior que a ciência. A maior ciência e o maior entendimento, que Deus criou entre homens e anjos, foi o de Lúcifer; mas ainda foi maior a sua inchação e soberba: *Similis Altissimo* (Isai. XIV—14). Contra esta rebelião se deu no Céu aquela grande batalha de entendimentos: *Factum m est præilium magnum in cælo* (Apoc. XII—7). Saiu vencedor Miguel, ficou vencido Lúcifer; mas de que modo vencido?—Com tal inchação e soberba do seu saber, e tão namorado do mesmo entendimento que o cegou, que antes quis cair do Céu, que descer-se da sua opinião. Há mais de seis mil anos que arde no Inferno Lúcifer, e há de arder por toda a eternidade, só por não admitir um instante, em que confesse que errou.

A vista desta desventura do Céu, triunfe mais, oh Catarina, o *si forte* das vossas aventuras! Maiores circunstâncias teve esta vitória vossa, que a do capitão general de Deus na batalha do Empíreo. A sua partiu-se entre o Céu e o Inferno; a vossa inteiramente toda foi do Céu. Na sua ficaram só no Céu duas partes das três hierarquias, que foram as vencedoras; e a terceira vencida foi precipitada no Inferno. Na vossa só foram cinqüenta os que vieram à batalha, e todos cinqüenta venceram, todos cinqüenta vos seguiram, todos cinqüenta pisaram o Inferno e voaram ao Céu, cujas portas vós lhe abristes, e nenhum ficou de fora. Mais ainda. Quando no Céu à voz de Miguel—*Quis sicut Deus*—se partiram os dois exércitos, um vitorioso, outro caído, houve anjos e arcanjos, houve principados e potestades, houve querubins e serafins, houve enfim em todos os nove coros dos espíritos celestiais muitos que seguiram a seita de Lúcifer; porém voz de Catarina (que também foi contra os deuses falsos): —Quem como o Deus verdadeiro?—, sendo tantas e tão várias as seitas dos filósofos como eles mesmos, nenhum houve (fineza não vista no Céu) que não deixasse a própria. Antes se viu naquela uniforme conversão ou divino metamorfose (I) uma singular maravilha ao entrar e ao sair do mesmo teatro. E foi, que ao entrar, uns filósofos eram platônicos, outros peripatéticos, outros acadêmicos, outros cínicos, outros estóicos, outros pitagóricos, outros epicúreos, outros gnósticos e os demais, e ao sair, pelo nome da nova escola e da nova mestra, todos eram e se podiam chamar catarinos. Tão forte e de um só rosto foi, nesta segunda aventura, sem

dúvida nem exceção, o seu glorioso *si forte*.

IX.

Afrontado Maximino pelo seu descrédito e muito mais pela injúria e ignomínia dos seus deuses conhecidos por falsos; para se vingar da fraqueza dos filósofos e do valor da que os vencera, resolveu barbaramente matar a todos, mas não com a mesma morte: os filósofos a espada, Catarina à fome. Mandou-a meter ou sepultar em um cárcere subterrâneo, escuro e medonho, com cominação e pena capital às guardas, que ninguém lhe desse de comer. Tudo isto era acrescentar trombetas à fama e novos aplausos à glória de Catarina. E desejando a mesma imperatriz conhecer e ver com seus olhos, antes que morresse, uma mulher de tão sublimes espíritos, delibera-se a ir em pessoa e descer secretamente ao mesmo cárcere.—Mas reparai, Senhora, no que fazeis ; porque descer a essa masmorra não pode ser sem o mesmo perigo que o profeta Daniel ao lago dos leões. Os leões de indústria estavam famintos, sem a ração ordinária, para que mais raivosa a sua natural fereza com a fome, no mesmo instante remetessem ao profeta, e espedaçado o comessem. Sabei, pois, que essa mulher que quereis ver, com fome não menos que de quase doze dias, como uma leoa esfaimada se há de enviar a vós e comer-vos. Mas antes do sucesso para que não pareça fábula ou quimera este dito, vejamos quão certo é.

Estando S. Pedro no porto de Jope em oração ao meio-dia, diz o evangelista S. Lucas, que teve fome: Cum *esuriret* (Act. X—10); e enquanto se lhe punha a mesa na casa onde estava hóspede, viu descer subitamente do Céu outra mesa tão abundante de iguarias, como maravilhosa e nova: abundante de iguarias, porque eram todas as aves do ar e animais da terra; e maravilhosa e nova, porque não vinham mortas ou guisadas, senão vivas. Vivas? E como as há de comer Pedro? Uma voz do Céu lho disse: *Surge, Petre, occide et manduca* (Ibid. I 3): Eia, Pedro, mata e come. Nestas duas palavras lhe descobriu Deus o mistério da visão, com semelhança e propriedade verdadeiramente divina. O animal, quando o mata o homem, deixa de ser o que é, e quando o come converte-se no que não é: morto, deixa de ser bruto; comida, passa a ser homem. Da mesma maneira aqueles animais de todos os gêneros, significavam os gentios de todas as nações, de todas as seitas e de todos os estados. E como Pedro era a cabeça da Igreja e da cristandade, aquela voz—*Occide et manduca*, foi o mesmo—declara S. Jerônimo—que dizer-lhe o Céu a Pedro: *In corpus ecclesiae et tua membra ea converte*: que matando-os e comendo-os, os encorporasse na Igreja, e fizesse membros seus. De sorte que, assim como o animal, matando-o o homem, deixa de ser bruto, e comendo-o, se converte em homem; assim o gentio por meio da doutrina evangélica, que tem a eficácia de matar e comer, morto, deixa de ser gentio, e comida, se converte em cristão e membro da Igreja. Esta era a fome de Pedro, a quem o mesmo S. Jerônimo compara neste passo ao leão, que só come o que mata; e esta a fome de Catarina, a quem eu comparei à leoa esfaimada, como quem tanta fome tinha da salvação das almas, e que por isso era certo que a imperatriz não escaparia de ser comida. E assim foi.

Desceu a imperatriz ao cárcere, imaginando que veria

em Catarina a imagem da mesma fome, macilenta, seca e consumida; porém a santa estava tão viva e tão a mesma nas forças, no vigor, na cor e na formosura, como quando ali entrara. Mais desejo creio lhe viria então à imperatriz de a comer a ela, que medo de que ela a comesse. Assim diziam os que amavam muito a Jó: *Quis det de carnibus ejus ut saturemur?* (*Job*, XXXI—31). Afeiçoada com este primeiro milagre, e ouvindo a celestial eloqüência de Catarina, cada palavra sua lhe levava à imperatriz um bocado do coração, e de tal modo se deixou comer toda que já não era gentia nem imperatriz, senão cristã e escrava de Cristo.

Sucedeu aqui a mútua transubstanciação, que o mesmo Cristo afirma dos que comem seu corpo: *In me manet et ego in illo* (Joan. VI—57). A imperatriz, por fé, transubstanciada em Catarina, e Catarina, por doutrina, transubstanciada na imperatriz. Por isso a mesma imperatriz teve resolução e constância para dali se ir apresentar a Maximino, declarando-lhe que era cristã e exortando-o a que o fosse também. Oh como se pudera então gloriar Catarina no seu cárcere, que, se dantes lhe não pode conquistar toda a alma ao imperador, agora lhe tinha conquistado a metade! Mas ele, porque todo o amor que devia a esta natural a metade, como esposa, era muito menor que o ódio que tinha a Cristo, como mau marido a privou logo do tálamo; como mau imperador, da coroa; e como péssimo e crudelíssimo tirano, da vida. Morreu a imperatriz, trocou a sua coroa pela de mártir, abriram-se-lhe de par em par, como a tão grande princesa, as portas do Céu, sendo, pouco antes, uma e a maior das néscias. Esta foi a terceira aventura do animosíssimo *si forte* o qual eu considero tão admirado como triunfante reconhecendo por ventura maior a vitória, que a mesma sua esperança.

Se a fome da salvação das almas não fora insaciável em Catarina, já ela se dera por satisfeita com ter ganhado para Cristo tantas, tão ilustres e tão alheias de sua fé. Mas como tivesse cercado o seu cárcere um corpo da guarda de duzentos soldados romanos, governados por Porfírio, capitão do imperador, as muitas almas deste grande corpo lhe excitaram e animaram o fervoroso espírito, a que também empreendesse a sua salvação. Eu confesso que lhe não aconselhara tão duvidosa empresa; porque não pudesse acontecer, que a natural inconstância do *si forte* nunca segura, pusesse a última cláusula a proezas tão ilustres com algum fim menos glorioso. Muito mais dificultoso é haver de vencer soldados, que ter convencido filósofos. Os soldados não se vencem com argumentos de palavras, senão com silogismos de ferro. Para os mais subtis de entendimento, o capacete lhes defende a cabeça; e para os mais brandos de vontade, a malha e o arnez lhes endurecem o peito. Toda a força que tem o filósofo consiste em a razão, e toda a razão do soldado consiste na força. Só à maior força, só à maior violência, só ao maior poder, se abatem as bandeiras e rendem as armas. Alma e salvação são as duas cousas mais precisas, e por isso as que causam maior medo de se perderem; mas para quem tem piedade de uma e fé de outra: e do soldado diz o provérbio: *Nulla fides*

pietasque viris, qui castra sequuntur. Contudo, nenhuma destas considerações foram parte, para que Catarina desistisse do seu pensamento, maior que todas elas. S. Paulo dizia que as suas prisões, ainda que o atavam a ele, não atavam nele a palavra: *Laboro usque ad vincula; sed verbum Dei non est alligatum* (2 Tim. II—9). Assim também Catarina. Ela estava presa; mas a palavra de Deus nela tão livre, tão eficaz e tão poderosa, que a todos os soldados que guardavam a sua prisão, fez seus prisioneiros. O menos que eles fariam, era por a santa em sua liberdade; mas ela queria-lhes abrir a eles as portas do Céu, e não que eles lhe abrissem a do cárcere. Todos se salvaram, todos renunciaram o imperador da terra, todos se fizeram cristãos; maravilha que só pode encarecer, ponderando que eram soldados e soldados romanos.

Todos os soldados que concorreram na paixão de Cristo, eram da família romana, que presidiavam a Judéia. E que fizeram? No Horto os soldados e cabo da escolta de Judas prenderam a Cristo, e atado o levaram a Anás: *Cohors ergo et tribunus comprehenderunt et ligaverunt eum et adduxerunt ad Annam* (Joan. XVIII—12 e 13). No Pretório, os soldados da guarda de Pilatos convocaram contra Cristo toda a esquadra: *Milites præsidis congregaverunt ad eum universam cohortem* (Math. XXVII—27). No palácio de Herodes, os soldados do seu exército e o mesmo rei o desprezaram e afrontaram: *Sprevit illum Herodes cum exercito sua* (Luc. XXIII—11). Remetido outra vez a Pilatos, os soldados lhe teceram a coroa de espinhos, lhe vestiram a púrpura de escárnio, e puseram o cetro de cana na mão, como aqueles que se prezam de ter na sua as púrpuras, os cetros e as coroas dos reis: *Et milites plectentes coronam de spinis imposuerunt capiti ejus, etc.* (Joan. XIX—2). No Calvário, os soldados crucificaram a Cristo: *Milites ergo cum crucifixissent eum* (Ibid.—23). Os soldados o blasfemavam com os príncipes dos sacerdotes: *Iludebant autem ei et milites* (Luc. XXIII—36). Os soldados lhe repartiram os vestidos e jogaram a túnica, como gente que, para ter que jogar, despirá a Cristo e os seus altares: *Et dixerunt, non scindamus eam, sed sortiamur de illa; et milites quidem hæc fecerunt* (Joan. XIX—24). Finalmente, depois de morto Cristo, o que se atreveu sobre toda a desumanidade a lhe romper o peito com a lançada, também foi um dos soldados: *Unus militum lancea latus ejus aperuit* (Ibid.—34).

Isto foi o que obraram contra Cristo em Jerusalém a impiedade e perfídia dos soldados romanos, e desta infâmia os desafrontaram a eles e a si os soldados, também romanos, em Constantinopla. Em Jerusalém o crucificaram, em Constantinopla o adoraram; em Jerusalém negaram a Cristo, em Constantinopla o confessaram; em Jerusalém lhe derramaram o sangue, em Constantinopla derramaram o seu por ele; em Jerusalém lhe tiraram a vida, e em Constantinopla lhe sacrificaram, não uma, senão duzentas vidas. O maior dia que houve no Mundo, foi o da paixão e morte de Cristo; e no dia em que manava das suas veias e corria por cinco fontes a salvação de toda a milícia romana se converteu só o centúrio, que disse: *Vere Filius Dei erat iste* (Math. XXVII—54). Era capitão de uma companhia de cem soldados, que isso quer dizer *centúrio*; mas de cem soldados nem um só se converteu em tal dia. E honrou o mesmo Cristo tão admiravelmente, e quase incrivelmente, a morte de Catarina, que no dia em que

ela morreu, não só se converteu por seu meio Porfírio, capitão de duas centúrias; mas, sendo duzentos os seus soldados, todos receberam concordemente a doutrina da nossa fé, todos com o mesmo valor se sujeitaram ao martírio, sem vacilar nos tormentos, todos deixaram escrito com o próprio sangue o testemunho infalível da sua vitória, todos, enfim, sem faltar um só, se salvaram.

X

Essa foi a famosa história, parte natural e humana, parte sobrenatural e divina, que sobre o *ne forte* do Evangelho nos motivou a roda de Santa Catarina. Só nos resta saber qual foi a mesma roda, e que volta deu. Atônito e raivoso Maximino das vitórias de Catarina, para se vingar e as vingar nela, determinou inventar um novo gênero de martírio e tormento, em que excedesse os de Nero e Diocleciano, e os de todos os tiranos seus sucessores. Mandou pois fabricar a máquina de uma roda, armada por toda a circunferência de dentes ou pontas de ferro agudas, em forma de navalhas, as quais, movendo-se no mesmo tempo, executassem em qualquer volta o que os braços de muitos algozes não podiam. As primeiras voltas feririam com inumeráveis golpes o corpo da santa ; as que se seguissem, depois que não houvesse nela parte sã, feririam as feridas, como fala S. Cipriano; e as últimas, quando não restassem já mais que os ossos, os cortariam e desfariam, de sorte que de todo aquele formoso composto, mais de alabastro que de carne, nem ficasse a semelhança.

Oh cegueira humana, grande em todos os homens, e nos tiranos e perseguidores dos bons, maior e mais rematada, pois não tem olhos para ver que onde maquinam a ruína alheia, fabricam a sua! Antigamente havia uma invenção ou artifício de arcos, cujas setas, depois de despedidas, como se tivessem uso de razão, as suas penas voltavam com dobrada força as pontas e feriam a quem as atirava. Assim o supõe Davide, chamando a este instrumento *arco pravo*: *Conversi sunt in arcum pravum* (Psal. LXXVII—57). E assim contesta com ele Oséas, chamando-lhe *arco doloso*: *Facti sunt quasi arcus dolosus* (Os. VII—16). Eu não entendo a arte com que isto podia ser, posto que nas histórias eclesiásticas se leiam muitos milagres semelhantes; mas tenho para mim que é justa providência do governo divino, que as traições e maldades sejam traidoras a seus próprios autores, e, voltando retrogradamente, vão buscar a cabeça que as maquinou e lhe dêem a devida paga. O mesmo profeta-rei, tão exercitado em todo o gênero de armas, o disse: *Convertetur dolor ejus in caput ejus et in verticem ipsius iniquitas ejus descendet* (Psal. VII—17). Todos sabemos que a máquina da roda de Santa Catarina, sem impulso superior, e movimento contrário, desarmou sobre seus inimigos. E se quando a santa estava posta em uma roda, Maximino tivesse olhos para ver que estava em outra, pode ser que se não atrevesse à santa. Estava Catarina na roda do seu tirano, que era o imperador; estava o imperador na roda da sua tirana, que era a Fortuna; e quando cuidou que a da santa lhe espedaçasse o corpo, a sua lhe espedaçou o império.

É esta uma observação, que me admiro não fizessem aqui os historiadores na combinação dos tempos. Eu a farei, para que acabemos com a roda da Fortuna, como começamos; e é, que no mesmo ano foi martirizada Santa Catarina, no mesmo ano entrou a imperar Maximino, e no mesmo ano começou a fatal declinação e ruína do Império romano. Imperando Galério Maximiano em Roma, e conhecendo por muitas experiências que uma monarquia tão vasta não podia ser bem governada por um só homem (o que já tinha antevisto o mesmo Júlio César, seu fundador, quando lhe definiu certos limites), determinou dividi-la em duas partes e duas cabeças, como com efeito a dividiu em dois imperadores e dois impérios: um chamado ocidental, de que continuou a ser cabeça Roma, outro chamado oriental, de que começou a ser cabeça Constantinopla; e foram os dois novos imperadores, do ocidente Severo, e do oriente Maximino, ambos tiranos, mas com os nomes trocados; porque Maximino não só foi severo, senão o extremo da severidade e da sevícia.

Por esta ocasião a águia, insígnia das bandeiras romanas, que até então tinha uma só cabeça, começou a aparecer com duas, como hoje a vemos, posto que é mais fácil copiar o pintado, que restaurar o verdadeiro. E como a divisão em todas as comunidades de homens e de coroas é indício fatal de declinação e ruína, assim o foi no império e águia romana a divisão daquelas duas cabeças. Já o profeta Daniel o tinha mostrado na mesma divisão, não das cabeças da águia, senão dos pés da estátua. Na estátua de Nabucodonosor, formada das quatro monarquias ou impérios, que sucessivamente haviam de florescer no Mundo, a cabeça de ouro significava o império dos assírios; o peito de prata, o império dos persas; o ventre de bronze, o império dos gregos; e o resto de ferro até os pés, o império dos romanos. E porque bastou que tocasse os mesmos pés uma pedra arrancada do monte sem mãos, para que caísse toda a estátua, e o mesmo império romano, e as outras monarquias, que nele por sucessão se continuavam, ficassem convertidas em pó?—Porque naqueles dois pés, divididos entre si, e cada pé dividido em cinco dedos, e cada dedo dividido em ferro e barro, teve o seu último complemento a divisão do império romano. E assim como nas duas cabeças da águia, em que começou a divisão do mesmo império, começou a sua declinação; assim na divisão dos dois pés da estátua, em que teve o último complemento a sua divisão, teve também o último fim a sua ruína. De sorte (reduzindo a conclusão aos termos da nossa metáfora) que a roda da Fortuna do império romano, na divisão das duas cabeças da águia, começou a voltar, e na divisão dos dois pés da estátua, acabou a volta.

Agora havemos de ouvir a Plutarco, o famoso filósofo grego, que não é dos que convenceu Santa Catarina, porque floresceu muito antes; mas eu o quero convencer a ele, digno de se ouvir neste caso. Excitando Plutarco e disputando uma questão sobre a fortuna do império romano, diz assim: *Fortuna persis et aissyriis desertis, cum leviter pervolasset Macedoniam et celeriter abjecisset Alexandrum. ægyptiosque, deinde et Syriam peragrando regna extulisset et sæpe conversa carthaginenses tulisset, postquam transmisso Tiberi ad palatium appropinquavit, alas deposuit, talaria exuit, ac infideli et versatili globo misso, Romam intravit mansura.* Quer dizer: A Fortuna, depois de deixar os persas e

assírios, depois de voar levemente pela Macedônia e rejeitar Alexandre e os que no Egito lhe sucederam, depois de andar pela Síria levantando e desfazendo reinos, e se deter, já próspera, já adversa, com os cartagineses, passando finalmente o Tibre, chegou ao capitólio romano, e ali arrancou dos ombros as asas maiores e descalçou dos pés as menores, ali se despojou e desarmou do globo, ou roda variável e inconstante, e ali, isto é, em Roma, fez o seu perpétuo assento, para nela perseverar e morar sempre firme e sem mudança. Isto é o que disse Plutarco, e isto o que criam os imperadores romanos, os quais sobre esta fé fundaram de ouro uma estátua da sua Fortuna e a colocaram no mesmo aposento onde eles dormiam, como que pudessem dormir seguros, pois a Fortuna lhe guardava o sono; e quando algum imperador morria, passava e era levada a mesma estátua ao sucessor, mostrando a vaidade e superstição dos que chegavam a alcançar a coroa romana, que podiam restar da Fortuna, como de patrimônio hereditário e próprio. Estava isto escrito nos seus Anais, como oráculo dos deuses; isto celebravam os seus poetas, os bucólicos com frautas pastoris à sombra das faias ; os heróicos com trombetas marciais em assombro das outras nações; e assim o cantou com elegante mentira o maior de todos, quando disse:

Higo ego nec metas rerum, nec tempora pono, Imperium sine fine dedi (I).

Agora pudera eu perguntar aos imperadores romanos, ou dormindo ou acordados, onde está aquela sua Fortuna de ouro, ou o ouro daquela Fortuna? Foi volta da mesma Fortuna, verdadeiramente lastimosa. Quando Alarico sitiou a Roma, viram-se os romanos tão apertados, que houveram de remir a dinheiro o levantar-se o sitio, e então entre o ouro e prata das outras estátuas dos seus deuses, foi também batido em moeda o ouro da sua Fortuna. Assim dormiam seguros os que se fiavam da fé de uma traidora e da vigilância de uma cega.

Mas eu só quero confundir e envergonhar a Plutarco com as palavras da sua mesma lisonja. Diz que depôs a Fortuna ao pé do capitólio a roda. E quantas vezes a tornou a tomar e lhe deu tais voltas na Itália e dentro da mesma Roma, que meteu a que era cabeça do Mundo debaixo dos pés de Atila e Totila, inundada de godos e hunos, de suevos e alanos, e de tantos outros bárbaros? Diz do mesmo modo, que também depôs ali a Fortuna as asas. E quantas vezes a tornou a tomar e voou às Germanias, às Gálias e às Espanhas, que Roma imaginava pacificamente sujeitas com os presídios das suas legiões, contra as quais, porém, se levantaram então aquelas mesmas nações, como tão altivas e belicosas, não só restituindo-se cada uma ao que era seu, mas cortando às águias romanas as unhas com que lho tinham roubado? Diz mais, que em Roma fez a Fortuna o seu assento, para nela morar perpetuamente. E se no interior da mesma Roma recorrermos às cousas de maior duração, quais são os mármores; quantos anos, e quantos séculos há, que dos mesmos mármores levantados em obeliscos e arcos triunfais, se vêem só as miseráveis ruínas, ou meio sepultadas já ou cobertas de hera? Finalmente, aquele império sem fim, a que a fortuna não pôs metas ou limites alguns, nem à grandeza, nem ao tempo, diga-nos a mesma Fortuna onde está, e onde o tem escondido? Busque-se em todo o Mundo o

império romano, e não se achará dele mais que o nome, e este não em Roma, senão muito longe dela.

Acabaram-se as guerras e vitórias romanas, não só fechados, mas quebrados para sempre os ferrolhos das portas de Jano; acabaram-se os capitólios; acabaram-se os consulados; acabaram-se as ditaduras; acabaram-se para os generais as ovações e os triunfos; acabaram-se para os capitães famosos as estátuas e inscrições; acabaram-se para os soldados as coroas cívicas, murais e rostratas; acabaram-se enfim com o império os mesmos imperadores, e só vivem e reinam, ao revés da roda da Fortuna, os que eles quiseram acabar. Acabou Nero; e vivem e reinam Pedro e Paulo; acabou Trajano, e vive e reina Clemente; acabou Marco Aurélio, e vive e reina Policarpo; acabou Vespasiano, e vive e reina Apolinar; acabou Valeriano, e vive e reina Lourenço; acabou enfim Maximino, e vive e reina Catarina; ele, e os outros imperadores, porque se fiaram falsamente do império sem fim: *Imperium sine fine dedi*; e ela com os seus e com os outros mártires, porque reinam e hão de reinar por toda a eternidade com Cristo, no Reino que verdadeiramente não há de ter fim: *Cujus regni non erit finis*.

XI.

Bem acabava aqui o sermão, se nos não faltara uma circunstância tão essencial de todo o assunto, como é a ação de graças. Não posso deixar de dizer sobre este ponto uma palavra, e será só uma, para emenda da brevidade mal observada, que prometi ao princípio. Mas qual parte ou qual pessoa da nossa história nos dará este documento? Para maior exemplo do agradecimento e maior horror da ingratidão, não quero que seja Santa Catarina, nem os filósofos ou soldados convertidos, não a mesma imperatriz, senão de quem menos se podia esperar—o imperador Maximino. Já vimos como o primeiro motivo desta gloriosa tragédia foi o bando e edito de Maximino, em que, sob pena da vida, mandou que todos os súditos do seu império, pelos benefícios com que os deuses o tinham favorecido e prosperado, lhes viessem dar graças e oferecer sacrifícios. E que diremos de tal edito? Em quanto ímpio, cruel e sacrílego, foi de tirano, gentio, bárbaro e idólatra; mas em quanto reconhecido a uma mão superior e divina, de quem confessava haver recebido os benefícios, foi de homem racional, prudente e religioso, posto que enganado.

E seria bem que na ocasião da vitória presente se contentasse a nossa fé com as demonstrações e aplausos exteriores, sem dar muito de coração as devidas graças aquela Soberana Majestade, que, sendo Senhor de todas as cousas, tomou por nome particular o de Senhor dos Exércitos: *Dominus exercituum*? Oh quanto importa em semelhantes casos o sermos agradecidos a Deus, e quanto se pode arriscar, se lhe formos ingratos! Quando os filhos de Israel, da outra parte do Mar Vermelho, nos despojos do exército de Faraó, que o mesmo mar lançava a ribeira, reconheceram a sua vitória e a segurança da sua liberdade; o que fez Moisés com todos os homens e Maria, irmã do mesmo Moisés, com todas as mulheres, foi, repartidos em dois coros, cantar publicamente a Deus os louvores de tamanha vitória, e dar-lhe as devidas graças e glórias, como único

autor dela. Ditosos eles, se assim perseveraram agradecidos! Mas indignos e inimigos da sua própria felicidade (porque pouco depois trocaram o verdadeiro agradecimento na mais ímpia, mais bárbara, e mais cega ingratidão), do mesmo ouro de que tinham despojado o Egito, fundiram o ídolo fatal do bezerro, e esquecidos do que, pouco antes tinham visto e confessado, com novas festas e músicas roubaram outra vez a Deus as graças e louvores que lhe tinham dado, atrevendo-se a dizer e apregoar sem nenhum pejo: *Hi sunt dii tui, qui te eduxerunt de terra Ægypti* (Exod. XXXII—4):—Estes são os deuses que te deram a vitória e te libertaram do poder dos egípcios. E quantos hoje em Portugal (para que nos espantemos mais de nós) estão dando as graças desta vitória cada um ao seu ídolo? Uns à sua ciência militar, outros à sua disposição, outros ao seu conselho, outros ao seu valor, outros aos seus socorros, e confirmando todos isto com certidões, que, ainda que por uma parte não sejam falsas, por outra são blasfemas, pois é verdadeira blasfêmia tirar a Deus o que é de Deus. Dizia Jó que pelas mercês recebidas de Deus não se beijava a mão a si mesmo: *Si osculatus sum manum meam* (Job, XXXI—27). E quem beija as suas mãos, posto que tivessem muita parte na vitória, saiba que as suas mãos assim beijadas perdem, quando menos, o fruto dela, como o perderam os filhos de Israel. Depois daquela vitória podiam chegar em poucos dias à Terra da Promissão, e porque a não atribuíram a Deus, cuja era, de seiscentos mil que saíram do Egito, só dois, que foram Josué e Calebe, conseguiram o fim da jornada; e todos os outros em espaço de quarenta anos ficaram sepultados no deserto. Se formos agradecidos a Deus, por esta vitória nos dará outras vitórias, e por esta graça outras graças: *Gratiam pro gratia*. E se pelo contrário formos ingratos, não só perderemos a mercê recebida, mas ela, como diz S. Bernardo, nos perderá a nós: *Studete potius gloriam vestram referre ad illum, a quo est, si non vultis eam perdere, aut certe perdi ab ea*.